

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

A INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS AFRICANOS NO SÉCULO XX

EMUM BLOG: TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E ENSINO DE HISTÓRIA AFRICANA

Rosemércya Velozo de Carvalho Anjos¹

Maurício de Aquino²

Este artigo aborda a questão do conteúdo curricular da independência dos estados africanos no século XX, particularmente, as tecnologias educacionais e ensino de História Africana, onde por meio das tecnologias ofertadas pela escola, presta uma contribuição da construção do blog <http://blognonoaconhecimentos.blogspot.com.br/>, onde foram postadas diversas informações sobre o mesmo. Considerando que o público discente da turma de nono ano do Colégio Estadual Professor Mailon Medeiros, em Bandeirantes – PR, são usuários de internet e de blogs, ajudou a despertar o entendimento pelo conteúdo da independência dos estados africanos no século XX e da História Africana, motivando as alunas e os alunos a querer saber mais, tornando com isso o processo de ensino e aprendizagem mais significativo. O uso das ferramentas tecnológicas possibilitou esse saber de forma mais incentivadora e contextualizada por estarem integradas ao meio social dos educandos, reconhecendo a necessidade do trabalho de compreensão e valorização da História Africana como parte do entendimento e valorização da cultura brasileira, historicamente intercultural. Este artigo resulta de uma pesquisa bibliográfica, descritiva, sendo também objeto de uma Unidade Didática presencial e virtual, discutida em sala de aula e desenvolvida no laboratório de informática (PROINFO) da escola citada e que realizou eficazmente, como requisito de conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, promovido pelo governo do Estado do Paraná e gerenciado pela Secretaria de Estado da Educação – SEED.

PALAVRAS-CHAVE: África. Blog. Independência. Tecnologias. Ensino e aprendizagem.

¹ **ANJOS**, Rosemércya, Carvalho Velozo. Professora na Rede Estadual de Educação de Cornélio Procopio. E-mail: mercyanjo@gmail.com

² **AQUINO**, Mauricio de. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Norte do Paraná, UENP, Campus Jacarezinho. E-mail: mauriaquino12@uenp.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo retrata um tema pouco explorado no currículo escolar do Estado do Paraná, que é a independência dos estados africanos no século XX em um blog: tecnologias educacionais e ensino de História Africana. A tecnologia é um recurso indispensável na construção do conhecimento porque por meio destes recursos as aprendizagens se torna mais próxima da realidade dos educandos.

Em geral, os conteúdos aparecem estereotipados, passando imagem errônea de um continente só de pobreza, fome, miséria, mortalidade infantil, doenças, guerras, de uma humanidade vivendo abaixo da linha da pobreza de forma sub-humanas, deixando de mostrar suas riquezas naturais, minerais, culturais e multiculturais.

Nesse sentido, o Brasil como os demais países globais, viu na África um continente escravizado pelos estrangeiros e uma independência retardada. Tem-se observado nesse continente a diversidade, bem como a desigualdade e o preconceito racial, vitimado de uma exploração do passado.

Apesar, desses problemas econômicos e sociais, atualmente alguns países africanos vêm conquistando lugar significativo no esporte.

Este artigo faz parte de um trabalho mais abrangente que foi realizado no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, ao longo do primeiro semestre de 2017, constando de uma unidade didática com uso da internet, por meio da construção de um blog, com postagem de uma coletânea de textos, imagens, mapas, links, fotografias, atividades diversas, abordando a questão, que foi utilizado na implementação do estudo em sala de aula presencial com os alunos e as alunas do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Professor Mailon Medeiros de Bandeirantes, e em sistema de Educação a Distância – EAD, com docentes da Disciplina de História de todas as regiões do Estado do Paraná.

O sistema de Educação a Distância (Grupo de Trabalho em Rede – GTR) foi interessante e motivador sob o ponto de vista da troca de experiências e de interagir com os docentes, discutir e compartilhar informações dos assuntos abordados com ampla liberdade, sem medo de apresentar opinião própria, receber e dar feedbacks. A experiência com o curso foi gratificante, sobretudo pela socialização com um novo aprendizado e informações diversas, transformado assim em conhecimento eficaz e significativo.

1.1 Uso de tecnologias de informação, comunicação, na educação, particularmente internet e blog

O trabalho proposto procura promover o uso das tecnologias por meio dos recursos existentes na escola, especialmente o uso do blog. Com este recurso incentivador pretendo facilitar o entendimento do conteúdo da História Africana, particularmente, a independência dos estados africanos no século XX, tornando o processo ensino e aprendizagem mais eficaz. O público alvo são os alunos e alunas do nono ano do ensino fundamental. O propósito do trabalho é levar a estes o conhecimento dessa cultura de forma incentivadora, proporcionando-lhes o conhecimento e o reconhecimento do mesmo, como parte de nossa história. “Pois, hoje mais do que nunca, o produto científico tem um peso tremendo no dia a dia das pessoas” (CORTELLA, 1997, p. 22). O uso das ferramentas tecnológicas possibilita esse saber de forma mais incentivadora e contextualizada com o meio social do educando, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia (1997), o computador, a televisão multimídia, a internet e outros recursos audiovisuais são utilizados para diversos fins, e o seu uso chegou na educação como novas tecnologias, ampliando horizontes de professores, alunos e alunas. “A Internet, as redes, o celular, a multimídia estão revolucionando nossa vida no cotidiano. Cada vez resolvemos mais problemas conectados, a distância”. (MORAM, 2009, P. 348). Em relação ao processo educativo essas mudanças são necessárias para abrir as portas para um mundo informatizado.

As novas gerações de alunos habituavam-se à presença de novas tecnologias de comunicação, especialmente o rádio e a televisão, que se tornaram canais de informação e de formação cultural. Entrava pelas portas das escolas uma nova realidade que não poderia ser mais ignorada. (BRASIL, 1997, p. 24)

A presença das tecnologias na sociedade, trouxe um avanço muito grande em todos os aspectos: científico, humano, tecnológico. O conhecimento está mais perto de todos, segundo Schaff (1995), a informática é uma tecnologia indispensável para o desenvolvimento da sociedade, pois por meio dela poderá simplificar muitos caminhos longos e difíceis, atravessar fronteiras até então imagináveis:

Na sociedade de informática, a humanidade poderá alcançar finalmente aquilo que até hoje foi apenas slogan. É óbvio que nem mesmo as maravilhas da tecnologia mudarão o fato de que este processo deve ser

lento e gradual: tanto os estereótipos como o caráter social do homem são pouco flexíveis e bastante refratários às mudanças. Apesar disso, não há dúvida de que sofreram modificações no passado. Ainda que isto tenha exigido séculos, a rapidez das mudanças que se verificaram após revoluções de vários tipos pode dar impressão diferente: as revoluções foram habitualmente pontos culminantes e momentos de ruptura numa longa evolução. (SCHAFF, 1995, p.83)

Ademais, Cortella já previa que a tecnologia não seria um benefício para todos, e que o resultado da ação científica de alguma forma não iria atingir “o conjunto da humanidade da mesma forma, nem com a mesma intensidade e condições de usufruto; ainda, mas não para sempre, estamos imersos em uma distribuição desigual e discriminatória das benesses dessa obra coletiva” (CORTELLA, 1997, p. 22).

A grande dificuldade que se observa é que mesmo tendo muitos desses recursos na escola, ainda encontramos resistência por parte dos professores em utilizá-los, devido muitas vezes do número de equipamento disponíveis, outras vezes por falta de conhecimento do próprio professor, por não saber como trabalhar com essas tecnologias tão necessárias para uma escola integrada no meio social do educando, pautado em Schaff (1995, p. 79):

O problema não seria tão agudo se todas as culturas do mundo tivessem as mesmas oportunidades de afirmação quando chegar o momento decisivo: só neste caso poderiam competir no “livre mercado” das idéias, confrontar-se com outras e igualar sua influência nas mentes humanas. Mas isto não acontece assim: não há um livre mercado neste sentido, ao contrário, o mercado está fechado e dominado pelo que dispõem dos meios técnicos para a difusão das informações e que são mais fortes graças à sua riqueza e aos melhores conhecimentos tecnológicos. (SCHAFF, 1995, p. 79)

As tecnologias educacionais são metodologias importantes para transmissão de conhecimentos, o blog proposto nesse trabalho proporcionará a participação dos alunos na construção do conhecimento de forma mais atrativa, pautado em Moran³ (2013):

As tecnologias digitais facilitam a pesquisa, a comunicação e a divulgação em rede [...] Os docentes podem utilizar os recursos digitais na educação, principalmente a Internet, como apoio para a pesquisa, para a realização de atividades discentes, para a comunicação com os alunos e dos alunos entre si, para a integração entre grupos dentro e fora da turma, para publicação de páginas web, blogs, vídeos, para a participação em redes sociais, entre muitas outras possibilidades.

³ Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_inovadora/utilizar.pdf. Acesso em: 23 de jul. 2016.

A internet funciona como fonte de pesquisa dinâmica e atualizada, sendo uma das mais procuradas atualmente, pode também auxiliar no processo educativo, transcender informação e atuar como importante ferramenta na construção do conhecimento, afirma Moran⁴ (2001): “A Internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece”.

As tecnologias avançam, desde a invenção do papel aos livros digitais. Quiçá o que será em tempos futuros. Houve épocas em que o próprio quadro e o giz eram tecnologias atuais, onde as pessoas também sentiam dificuldades em lidar com elas. Ao longo dos anos se tornaram comum e fáceis de serem utilizados, e as vezes substituídas por outras tecnologias mais eficazes. Conforme Moran⁵ (2013):

São muitos os recursos a nossa disposição para aprender e para ensinar. A chegada da Internet, dos programas que gerenciam grupos e possibilitam a publicação de materiais estão trazendo possibilidades inimagináveis vinte anos atrás. A resposta dada até agora ainda é muito tímida, deixada a critério de cada professor, sem uma política institucional mais ousada, corajosa, incentivadora de mudanças. Está mais do que na hora de evoluir, modificar nossas posturas, aprender fazendo.

Para que haja um ensino efetivo de história, onde os alunos possam realmente interpretar e dar sua opinião sobre o fato, é necessário realizar o trabalho por meio de fontes históricas, necessárias para comprovar esse contexto em nossa sociedade, como salienta Maurício de Aquino⁶ (2014) de:

Exigências e demandas sociais e epistemológicas fizeram com que o trabalho do historiador rompesse antigos limites, repensando sujeitos, espaços, abordagens, problemas, fontes e relações. Em tempos de crises políticas e identitárias a história tornou-se uma vez mais matéria-prima discursiva para tribos, grupos, povos e nações.

Pensando nesse contexto no qual a escola está inserida, vê-se a necessidade de utilizar os diversos recursos tecnológicos existentes na escola, pois muitas delas podem proporcionar o trabalho com diversas fontes históricas, como: o livro didático,

⁴ Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacao/ambiental.pdf. Acesso em; 18 de mai. 2016.

⁵ Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacao/educatec.pdf. Acesso em: 19 mai. 2016.

⁶Disponível em: http://www.academia.edu/7951310/As_fontes_hist%C3%B3ricas_no_ensinar_produzir_e_aprender_hist%C3%B3ria_apontamentos_e_reflex%C3%B5es. Acesso em: 15 abr. 2016.

a pesquisa na biblioteca, a internet, filmes na tv, revistas, jornais, todos servem como tecnologias que trazem diferentes fontes históricas, na qual se pode encontrar diferentes visões sobre o tema estudado, fundamentado em Maurício de Aquino (2014): “Se não há conhecimento histórico sem a lida com documentos, também não pode haver um autêntico ensino de história sem atividades com fontes históricas”.

Ainda de acordo com Aquino (2014): “O trabalho com documentos na sala de aula da educação básica permite aos alunos e às alunas construir uma concepção mais complexa e dinâmica da história”.

Nessa perspectiva citada acima, os recursos tecnológicos servirão de pesquisa para extrair aprendizagem em fontes históricas com diferentes interpretações, sobre o tema proposto.

Nesse sentido, o Blog, também é um recurso tecnológico, onde se pode postar fontes históricas, referentes ao conteúdo proposto e haver contribuição mútua. Conforme Ramos *et al.* (2013, p. 96-97):

Os blogs são sistemas de publicação na web. A palavra tem sua origem da abreviação de weblog: web (teia, designa o ambiente de páginas de hipertexto na Internet) e log (diário) – diário na web. [...] Essa ferramenta, que nos permite publicar conteúdos na Internet, tem se tornado cada vez mais popular por não demandar tanto trabalho para a sua criação e utilização, nem a necessidade de conhecimentos especializados em informática. Ainda porque podemos fazer tudo isso de forma gratuita. Com ela, podemos ter nossa página na Internet, editando-a com muita facilidade. Os blogs têm sido amplamente empregados na condição de diários digitais, na publicação de notícias e de outros gêneros textuais. Dessa forma, os blogs e fotologs (diários de fotos na web) permitem a qualquer pessoa, que se prontifique, mergulhar nos recursos oferecidos pela Internet e nela tornar-se um(a) autor(a). [...] Essa ferramenta é, também, muito utilizada na organização de comunidades e grupos de ativistas de vários setores.

O blog tem “potencial educativo, precisamos entender que esta ferramenta revolucionou a comunicação na Internet. Um dos aspectos revolucionários desta ferramenta advém da facilidade técnica em lidar com ela” (RAMOS *et al.*, 2013, p. 101). Porém, a sua criação e uso são muito mais simples.

Na atualidade os serviços de blogs mais conhecidos é “O blogspot.com é um dos mais usados e é da empresa Google” (RAMOS *et al.*, 2013, p. 101).

O blog como ferramenta educacional não é apenas um espaço que divulga informações, mas sim um espaço onde se desenvolve diferentes habilidades. O professor responsável pelo trabalho, precisa ser um motivador, para levá-los sempre

ao acesso, de acordo com Gomes⁷ (2008, p. 313):

O professor pode estimular a consulta do blog pelos alunos não só procurando assegurar a existência de condições mínimas de acesso à Internet por parte dos alunos mas também fazendo referência a conteúdos do mesmo durante as aulas sempre que isso se afigure oportuno.

Nesse trabalho proposto, o blog será desenvolvido como mais um recurso de estudo, onde pode haver a colaboração de todos sobre a temática História Africana, essencialmente, a independência dos estados africanos no século XX, fundamentado em Gomes (2008, p. 313):

[...] A construção coletiva de um blog sobre temáticas transversais a várias disciplinas procurando assim conseguir uma abordagem mais interdisciplinar de determinados conteúdos. Este tipo de blogs pode também ser desenvolvido com a participação de alunos como “co-autores” desde que o professor se assegure da correção e adequabilidade da informação a disponibilizar.

Por sua vez, Roger Chartier já previa décadas atrás a possibilidade de uma transformação tecnológica que na atualidade trouxesse grandes benefícios a educação principalmente no processo pedagógico, sendo útil na disciplina de História que em sua maioria é ministrada com recurso textual. Essa mudança causou uma “revolução eletrônica nos discursos e a realidade das práticas de leitura, que continuam estando, em grande medida apegadas aos objetos impressos e que não exploram se não parcialmente as possibilidades oferecidas pelo digital” (CHARTIER, 2002, p. 63).

Bloch diz que “uma mudança não apenas muito rápida, mas também total: de modo que nenhuma instituição um pouco antiga, nenhuma maneira de se conduzir tradicional, teria escapado às revoluções do laboratório ou da fábrica” (BLOCH, 2002, p.63). Mudança essa que leva o homem a pensar de maneiras diversificadas. Isso porque a existência do ser humano aparentemente vem sofrendo transformação no intervalo de uma ou duas gerações, pois “se pensa e se percebe de uma época para outra; por ser histórico, conseqüentemente, seus valores, costumes e leis, mudam” (NOGUEIRA, 2011, p.11).

Aplicar as novas tecnologias significa ter e dar oportunidades enriquecedoras

⁷ Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2016.

de evolução metodológica no ensino de História, ou seja, ampliar o conhecimento com informações inovadoras, permitindo melhoraria na prática pedagógica, proporcionando aos alunos e as alunas acesso ao conhecimento dos conteúdos sobre a História Africana, e, especial, a independência dos estados africanos no século XX por meios diversificados de forma mais atraente e significativa.

1.2 Ensino de História Africana

A necessidade do trabalho de conscientização da História africana como parte da nossa sociedade, é muito importante para o reconhecimento de nossas raízes e da valorização de nossa cultura, de acordo com a Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica:

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (BRASIL, 2013, p. 501)

Dessa forma, faz-se necessário o trabalho desse tema no conteúdo escolar, para tentar formar cidadãos mais igualitários conscientes dos direitos e deveres na sociedade a qual está inserido, fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, cujo principal objetivo desses atos que diz: “é promover alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo” (BRASIL, 2004, p. 8).

De acordo com as DCEs (Diretrizes Curriculares da Educação Básica) de História estabelecido pela SEED (Secretaria de Educação do Estado do Paraná) (2008, p.44), sob uma perspectiva de inclusão social, estas buscam contemplar a diversidade cultural, os movimentos sociais organizados e destacam os seguintes

aspectos:

[...] o cumprimento da Lei n. 10.639/03, que inclui no currículo oficial a obrigatoriedade da História e Cultura Afro-Brasileira, seguidas das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
[...] (PARANÁ, 2008, p. 44)

A Cultura Afro Brasileira e Africana começou a ganhar espaço no ambiente escolar quando o governo federal sancionou, em março de 2003, a Lei nº 10.639/03-MEC, que altera a LDB (Lei Diretrizes e Bases) e estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana as Diretrizes Curriculares para a implementação da mesma, instituindo “a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira” (Brasil, 2004, p.8). Em 2 de agosto de 2006 foi aprovada a Deliberação 04/06 pela Secretaria Estadual do Paraná, que fundamenta,

Art. 1º. A presente Deliberação institui Normas Complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem desenvolvidas pelas instituições de ensino públicas e privadas que atuam nos níveis e modalidades do Sistema Estadual de Ensino no Paraná.
§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, assim como de atitudes, posturas e valores que preparem os cidadãos para uma vida de fraternidade e partilha entre todos, sem as barreiras estabelecidas por séculos de preconceitos, estereótipos e discriminações que fecundaram o terreno para a dominação de um grupo racial sobre outro, de um povo sobre outro.

Ainda, em 21 de março de 2003, o governo federal cria a SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), instituindo a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Portanto, a questão racial foi recolocada na agenda nacional, onde o governo federal assume o compromisso histórico de possibilitar mecanismos para valorizar o desenvolvimento pleno da população negra brasileira, tendo como principal instrumento, a implementação das diretrizes, contando ainda com a ajuda dos estados, dos municípios, e das ONGs.

As publicações de leis são necessárias para estabelecer os direitos dos negros no nosso país e a conscientização dos estudantes é fundamental, para que estes sejam reconhecidos e tratados com igualdade em nossa sociedade, entretanto, os alunos e as alunas estão em fase de formação, e é no ambiente

escolar que devemos tomar as primeiras iniciativas, pois os mesmos são críticos e formadores de opiniões. Mediante essas colocações, é indispensável o mesmo “ter respeito e valorizar as diferenciações culturais e étnicas em um território não significa aderir aos valores do outro, mas, sim, ter respeito como expressão da diversidade”. (MUNANGA, 2005, p.173)

O ambiente escolar deve ser prazeroso, sem espécie alguma de discriminação, preconceito e racismo para que os direitos de nossos alunos e alunas afrodescendentes sejam respeitados, portanto, “não podemos perder de vista que entre os principais entraves ao desempenho do negro brasileiro na sociedade brasileira destaca-se a inferiorização deste na escola” (MUNANGA, 2005, p.173).

A educação conforme Munanga (2005, p. 17): “é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados”.

A escola é um ambiente importante de socialização em relação a diversidade, com função de uma educação de qualidade, para todos, assim como o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos, tendo como obrigatoriedade desenvolver conteúdos e atividades interdisciplinar ou multidisciplinar que conscientize os alunos da necessidade de igualdade, na formação de uma sociedade mais justa e igualitária, valorizando é claro conhecimento prévio adquirido por eles. Isso pode ser percebido claramente nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica de História instituído pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná (2008, p.14), encontra-se a seguinte referência:

Assumir um currículo disciplinar significa dar ênfase à escola como lugar de socialização do conhecimento, pois essa função da instituição escolar é especialmente importante para os estudantes das classes menos favorecidas, que têm nela uma oportunidade, algumas vezes a única, de acesso ao mundo letrado, do conhecimento científico.

Ainda, nas Diretrizes Curriculares de História é visto na escola a possibilidade de trabalhar a questão racial, o preconceito e a discriminação de maneira que a mesma seja reconhecida, valorizando a História africana e afro-brasileira sem desmerecer é claro as outras origens,

A narrativa histórica produzida justificava o modelo de nação brasileira, vista como extensão da História da Europa Ocidental. Propunha uma nacionalidade expressa na síntese das raças branca, indígena e negra, com

o predomínio da ideologia do branqueamento. (PARANÁ, 2008, p. 57)

Cabe a escola atender e ensinar para todos, proporcionando um ambiente harmonioso com direito de ensino-aprendizagem independentes de sua condição pessoal, pois é nesta que nosso alunado vislumbram por um futuro vindouro, de uma vida melhor. Como (PARANÁ, 2008, p. 15) diz:

Um projeto educativo, nessa direção, precisa atender igualmente aos sujeitos, seja qual for sua condição social e econômica, seu pertencimento étnico e cultural [...]. Essas características devem ser tomadas como potencialidades para promover a aprendizagem dos conhecimentos que cabe a escola ensinar, para todos.

No entender de Cortella em relação a educação, “os alunos de hoje não são mais os mesmos cuja obediência demonstra [...] a dificuldade em lidar com o que realmente deve ser lidado: uma escola ajustada aos interesses e necessidades de todos o que a ela tem direito” (CORTELLA, 1997, p. 135).

Neste contexto, compreendem que a escola tem um papel transformador na vida dos jovens e que esta deve buscar caminhos inovador e diversos, que possibilite mudança de reverter situações que apresentam visão discriminatória, preconceituosa e racista. Situações essas que ainda continua muito atuante até os dias atuais. Tal visão mudaria se fosse acareado com o conhecimento do conteúdo da História Africana, conteúdo esse que na atualidade é de cunho obrigatório as todas disciplinas escolares, mas que na maioria das vezes é deixado de lado pelo professor, seja por despreparo ou por falta de conhecimento do mesmo.

Estas noções são necessárias para o maior reconhecimento e valorização de nossa cultura. Por meio deste conteúdo pretendo conscientizar os estudantes da importância de serem cidadãos respeitosos na escola, na sociedade, bem como nos lugares em que atua, tendo em mente sempre que somos iguais e que somos agentes transformadores.

1.3 História da independência dos estados africanos no século XX

Os livros didáticos Vontade de saber História (2012) e HISTÓRIA Sociedade & Cidadania (2015) serão recursos tecnológicos de apoio a pesquisa para o desenvolvimento do trabalho proposto, de acordo com o conteúdo da História Africana, particularmente, a independência dos estados africanos no século XX.

O autor Pellegrini (2012, p. 158 et. seq.) traz sua posição sobre ao contexto independência da África, bem como os países africanos independentes, e para fortalecer seu pensamento cita mapas, linha do tempo, textos complementares e algumas imagens de fontes históricas.

Já Boulos (2015, p.173 et. seq.) mostra sua postura por meio de textos diversos sobre a independência da África, além de textos de apoio, música, mapas e diversas fotografias atuais e antigas.

Segundo Pellegrini (2012, p. 159 et. Seq.) grande parte dos estados africanos conquistou sua independência em meados do século XX, quando acontecimentos contemporâneos como a Guerra Fria e a Segunda Guerra Mundial marcava a luta dos africanos pela sua liberdade política, por umas condições de sobrevivência digna de qualquer ser humano.

O pan-africanismo foi um dos movimentos político-ideológico que “surgido como uma forma de resistência, que visava transformar a situação da raça negra, libertando-a da pobreza e da opressão” (BOULOS, 2015, p. 174) contribuiu para o processo de independência na África, um acontecimento contemporâneo que surgiu no final do século XIX por intelectuais negros norte-americanos e antilhanos e que se estendeu por meados do século XX.

Conforme pontua Azevedo e Seriacopi (p. 168, 2016) “o objetivo desses encontros era estimular a união dos povos africanos contra dominação colonial europeia. Seu lema era: A África para os africanos”.

Segundo Hobsbawm, em meados de 1935-40 uma greve varreu toda a África desestabilizando a economia e a ruralização africana. No campo a época coadministrador branco a era do ouro com administração colonial indireta, já nas cidades uma classe grande de educados africanos urbanos se mostravam insatisfeitos, pois queriam manter a imprensa política como “exigiu medidas de reconstrução social, defendeu a causa dos desempregados e dos agricultores africanos atingidos pelas crises econômicas” (HOBSBAWM, 1995, p. 213).

Portanto, o pan-africanismo tinha como objetivo central a independência dos povos africanos a maior parte dos países até esse tempo viviam sob o comando das potências neocoloniais europeias especialmente Inglaterra e França, e é esse movimento que vai fomentar a independência, pois era mais forte fora da África do que dentro da África. Pregava então, a união de todos os povos africanos, sob uma mesma bandeira, isto quer dizer, via os africanos de uma mesma forma, bem como

a história de “minorias de elite, às vezes relativamente minúsculas, pois – além da quase total ausência de instituições de política democrática – só uma minúscula camada possuía o necessário conhecimento, educação ou mesmo alfabetização elementar” (HOBSBAWM, 1995, p. 201).

O pan-africanismo, foi muito importante para conseguirem a independência, só que tem esse problema de estereotipar o africano de tentar colocar os africanos como sendo homogêneos, quando na verdade eles são bastante heterogêneos entre si, por isso que o movimento foi mais forte fora da África, do que dentro dela. Neste sentido (SILVA, 2008, p. 180) esboça que, “o povo africano nunca se curvou de bom grado a outros povos, não aceitando a idéia de ser governado por ‘gente de fora’”. Portanto, dentro da África todos os povos africanos, ou seja, as diversas culturas têm consciência das suas diferenças e vivem essas diferenças no dia a dia, para quem olha de fora mesmo sem estar dentro do pan-africanismo enxergam tudo como sendo iguais, mas ao contrário são muito diversos.

A África é diversa, tanto do ponto de vista climático, geográfico, humano, étnico, tendo entre os negros africanos, muitas variações, de norte a sul, como por exemplo, vem desde os povos islamizados, árabes do norte e até com a cor da pele muito mais clara, vulgarmente chamada de África branca, depois o sul do Saara, os negroides os africanos como nós conhecemos, tendo em comum apenas a cor da pele. “Sofrida sim, mas concreta nas particularidades faz repensar e evidenciar a cada instante uma África magnífica que se abre de forma coesa a todos que dela se configura como sendo sua pátria” (SILVA, 2008, p. 181).

Então, esse é o problema do pan-africanismo de gerar um estereótipo, bem como, uma visão de que aquilo é unitário, é igual e, isso tudo acaba por suprimir, macerar a diversidade cultural da África. Mas, foi um movimento muito importante, porque quando houve o processo de independência principalmente da década de 50 e 60, após a Segunda Guerra Mundial, o mesmo se acentuou e passou a reivindicar a mesma, e quase todos os países conseguiram, oriundos do império neocolonial principalmente da Inglaterra e da França, mas também Bélgica e Espanha e posteriormente Portugal, Angola, Moçambique, etc. depois da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, “O mito da superioridade branca estava definitivamente abalado; as elites africanas encontravam-se prontas a assimilar o interesse da propaganda anticolonial soviética ou norte-americana” (MAZRUI, 2010, p. 346). Esse pan-africanismo ignorou essas diferenças, não levando em consideração que a África era absolutamente diferente entre si, entre as pessoas,

porque as colônias africanas, que os europeus fizeram na África juntavam muitas tribos que não eram amigas entre si, segundo a história africana, só que com a independência esses povos ficaram dentro de uma mesma fronteira, sobre a mesma bandeira, de um só país. Segundo Silva (2008, p. 184), foram várias as formas de resistências existentes no continente africano com o objetivo de:

[...] empunhar bandeira por uma África que deixasse de ser um amontoado de países atrasados, estagnados e marginalizados; uma África sem fronteira, fome e sem epidemias; uma África que se tornasse livre e soberana, lutando pela paz, pelo crescimento econômico, social e ainda, pela constituição de governos democráticos e sociedades participativas em âmbito continental. (SILVA, 2008, 184)

Assim, começa os problemas, conseguem a independência, mas mergulham em guerras civis, genocida, entre seus próprios povos, porque a independência foi feito meio que de fora para dentro, por uma idéia pan-africana e não uma ideia africana em si, os povos não lutaram assim pela sua independência na África, de fora se fez a independência na África e confinou-se povos africanos inimigos entre si na mesma fronteira é o casa de Ruanda, Tutsi e Hutu, vivendo em um mesmo país se tornou independentes, mas um grupo passa a escravizar, dominar o outro, gerando uma guerra genocida, fratricida, letal, que promove a morte de perto de 800 mil pessoas, como o caso do genocídio de Ruanda ocorrido por volta de 1994.

Apesar de sua importância o pan-africanismo gerou uma estereotipização do africano como se fosse único, e assim vários povos diferentes passaram a conviver juntos, é claro depois que os europeus saíram de lá com suas forças armadas, passaram a se dedicar a guerra contra eles e isso tudo foi incentivado por potências, pelo comércio de armas oriundos da Guerra Fria, fuzis automáticos, armas de assaltos que os soldados passaram a usar na Segunda Guerra Mundial, eles passaram a ser vendidos em grande quantidade para essas tribos, esses povos africanos que passaram a se matarem entre si.

Então, o pan-africanismo gerou a independência, pressionando as nações desenvolvidas do mundo a se desfazerem de suas colônias africanas, mas esses povos passaram a enfrentar dois problemas, o primeiro é a estereotipização do africano como se todos fossem iguais, já o segundo é o confinamento desses povos diferentes sobrevivendo dentro de uma mesma fronteira de um mesmo país, gerando conflitos entre si, dentro de um mesmo lugar. Portanto, "igualmente faltará à África, no momento oportuno, um organismo pan-africano junto ao qual os cidadãos portadores de demandas poderiam, se necessário fosse, acusar seu próprio governo de violações dos direitos

humanos” (MAZRUI, p. 560, 2010).

Paralelo a isso tudo, o grande comércio de armas oriundos da Guerra Fria, as nações e potências atômicas do mundo vendiam a versão mais avançada de armas como a União Soviética AK-47 e Estados Unidos M16, enchendo o continente africano a partir da década de 50 e 60 com essas armas extremamente letais, dando origem as milícias raciais, tribais, que promovem vez ou outra na África essas guerras civis genocidas.

A África enfrentou crises e conflitos internos, vivenciando cinco anos de isolamento comercial, até mesmo a restauração com o Ocidente causou choque econômicos e sociais. Devido a guerra, os africanos passaram a ter os salários congelados, com a inflação os produtos importados passaram a ter altos preços. Com esses problemas enfrentados o padrão de vida dos africanos foi terrivelmente agravado, enquanto que os franceses viram significativamente a valorização do franco colonial (CFA). Segundo Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Étnico-Racial (BRASIL, p. 349, 2010):

Um subproletariado urbano estava em vias de constituir-se de forma relativamente generalizada. A formação desta categoria era impulsionada pelo afluxo de desocupados, expulsos dos campos pelo esforço de guerra (corveia, culturas obrigatórias, forte imposição). A sua composição social incluía trabalhadores mal pagos, desenraizados de diversas origens e desempregados. O precário habitat ganhava contornos permanentes, com a ausência quase total de vias públicas, serviços públicos e saneamento. (BRASIL, p. 349, 2010)

Por meio dos fatos mencionados, percebe-se que o grande problema da África, é a existência dos povos diversos vivendo dentro de um mesmo país como inimigos seculares entre si, portanto, ao se tornarem independentes, sofreram transformações significativas em diversas áreas como: política, social, econômica, entre outras, porém somente alguns aspectos foram mantidos como eram. Com todos esses problemas enfrentados é indispensável no continente africano, “uma solução estritamente econômica, a problemas eminentemente sociais, tais como a desnutrição, a fome, as doenças e o trabalho forçado ou mal-remunerado” (MAZRUI, p. 366, 2010).

Portanto, as independências dos Estados africanos aconteceram em meio a restrição do mercado interno, onde a sua principal fonte de lucro que eram as matérias-primas sofre um esfriamento nos preços, causando deterioração. Diante dessa compreensão, Mazrui (2010, p. 357) considera:

Os jovens Estados confrontavam-se a estruturas desarticuladas de economias subdesenvolvidas. Segundo um modelo herdado, estas formações econômicas eram caracterizadas por uma produção voltada para

o exterior e assentadas sobre um mercado interno muito restrito. Ora, as independências intervieram em uma conjuntura desfavorável, marcada pelo sensível desaquecimento nos preços das matérias-primas de exportação, a sua fonte primordial de rendimentos; em decorrência disso, configura-se uma situação de nítida deterioração dos termos da troca: recursos públicos e despesas de investimento encontravam-se então amputados, conquanto se acelerasse, naquele momento e em contrapartida, um boom demográfico sem precedentes. (MAZRUI, p. 357, 2010)

Em meados da década de 30 após a independência e a Segunda Guerra Mundial na África negra, ocorre um grande aumento populacional acelerando uma “substituição de gerações de trabalhadores analfabetos por jovens instruídos, indivíduos mais propensos a adaptarem-se à modernização dos métodos culturais e aos sistemas próprios ao moderno emprego industrial” (MAZRUI, p. 373, 2010).

Portanto, entre 1950 a 1980 a população africana triplicou. Já em 1990 essa mesma população começou a reduzir, devido a Aids ocasionada pela falta de instrução.

Sendo que “a grande maioria dos países africanos conquistou suas independências entre fins dos anos 1950 e início dos anos 1960” (BITTENCOURT, 2010, p. 129). Entre esses estão Angola que,

Teve início a guerra civil propriamente dita, envolvendo, de um lado, o governo angolano, numa sobreposição quase total com o MPLA, com apoio militar de Cuba e financeiro, político e logístico do bloco soviético; e, de outro, a guerrilha da Unita, com apoio no terreno das tropas sul-africanas e financeiro, político e logístico dos EUA. (BITTENCOURT, 2010, p. 130)

Diante disso, Angola teve sua independência proclamada em sua capital Luanda na noite do dia 11 de novembro de 1975, pelo líder do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) Agostinho Neto, sendo que a mesma viveu até 2002 em meio a uma guerra civil, a qual UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) deixou a luta armada, transformou-se num partido político.

Crises e lutas marcaram a edificação da nação dos Estados africanos, “isto significa que cada um reconheça aos outros o direito de compartilhar uma história comum, os recursos, os valores morais e os outros aspectos do Estado” (MAZRUI, p. 524, 2010).

Observa-se nos livros didáticos analisados e nos autores citados que, a História da independência dos estados africanos no século XX, pode oportunizar mecanismos para que o estudante possa pensar, agir e criar explicações, sobre a

mesma a fim de transformar sua realidade e o meio em que vive em uma sociedade mais justa, livre e igualitária, exercendo um papel de cidadão consciente e transformador.

2. IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA: AÇÕES E RESULTADOS

A pesquisa é descritiva fundamentada em bibliografia pertinente. Na implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola o material que fundamenta este artigo apresentado para a turma durante o segundo semestre do ano de 2017, para os estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual Professor Mailon Medeiros, localizado na Rua São Paulo, nº 2394, no município de Bandeirantes, Estado do Paraná.

O assunto abordado “A independência dos estados africanos no século XX em um blog: tecnologias educacionais e ensino de História Africana”, usou-se de recursos didáticos como: filmes, textos diversos, fotografias, mapas, músicas e links feitos na modalidade presencial e virtual, no GTR (Grupo de Trabalho em Rede) realizados com um grupo de professores, em EaD (Educação a Distância), on-line.

Primeiramente foi feita a apresentação e socialização do projeto de intervenção com os estudantes e exposto a forma como seria desenvolvido a implementação pedagógica. Em sequência foram trabalhados tecnologias educacionais para a construção completa do blog sobre a independência dos estados africanos no século XX, cujo possibilitou aprendizagens significativas a estes. O texto trabalhado foi: O que é um blog? Como é criado? de autoria de Edla Maria Faust RAMOS *et al.*, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013, p. 96 et. Seq., e links relacionados a diversos blogs e também os vídeos do YouTube como: “Como Criar um Blog Grátis Passo a Passo Blogger 2016”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ope0u-lfPAk>>. Acesso em: 26 jul. 2016, “Como criar um blog | Endy Benittis”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bG4fzKbibwU>>. Acesso em: 26 jul. 2016 e “Hotel Ruanda”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EJ1AethzD2o>>. Acesso em: 7 ago. 2016. Esses recursos didáticos motivador gerou uma ampla discussão, despertando o interesse dos estudantes a conhecer mais, por meio de pesquisas e de produções, com o uso das ferramentas tecnológicas existentes na

escola, possibilitando uma aprendizagem significativas. Baseado na história real O filme “Hotel Ruanda” foi comparado com os conhecimentos prévio dos alunos acerca da Independência da África e História Africana, na formação da nossa sociedade.

A música “África” do grupo Palavra Cantada - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yGv47mv7874>>. Acesso em: 9 ago. 2016, esta possibilitou o conhecimento e reconhecimento da História Africana, por meio de mapas, a localização da África e seus países, geralmente vista de forma preconceituosa em nossa sociedade.

O texto Pan-africanismo foi comparado com links pertinentes ao assunto abordado, bem como a foto que ilustra o texto (registra um momento da abertura de um encontro de líderes pan-africanistas em 1962). Estes foram de grande importância para o entendimento dos alunos e das alunas referente a luta dos africanos nas causas da independência, gerando discussão entre ambos contribuindo com desenvolvimento do pensamento crítico dos mesmos.

Já o textos didáticos, A Independência da África (O fim do domínio português, A África francesa, A retirada belga, O fim do domínio inglês e Alemães, italianos e espanhóis perderam suas colônias) e História em Construção: Descolonização do livro Vontade de saber história, do nono ano, após ser debatido e comparado com os mapas sobre: A Independência da África e História da descolonização da África – Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_coloniza%C3%A7%C3%A3o_de_%C3%81frica#/media/File:Colonial_Africa_1913_map.svg – Acesso em: 9 ago. 2016, gerou entre a turma questionamentos orais acerca dos principais países envolvidos com o processo de Independência da África.

Foram ainda trabalhados os seguintes textos dos livros didáticos: Os países africanos independentes (PELEGRINNI, 2012, p. 162 et. Seq.) e “África” (BOULOS, Alfredo Júnior. HISTÓRIA Sociedade & Cidadania, 9º ano. 3.ed. São Paulo: FTD, 2015). Esses textos geraram ampla discussão na turma acerca dos países africanos independentes, em especial Gana, Congo, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, levando em conta a importância que cada país teve no processo de independência, e foram significativos no entendimento do conteúdo proposto no desenvolvimento da implementação.

Outra atividade desenvolvida que os alunos demonstraram interesse foram

por meio de links de sites⁸ referentes a alguns blogs que julgo pertinentes aos assuntos abordados, para ampliação de conhecimento sobre o tema proposto, valorizando, reconhecendo e respeitando as diversidades dos povos africanos.

As fotografias trabalhadas com o nono ano foram: 1) *Cidades africanas*, (HISTÓRIA Sociedade & Cidadania, 2015, p. 173). Essa imagem mostra a necessidade de desconstruir os mitos que pairam em torno da África e de sua rica história. 2) *Jovem negro, em um ônibus restrito a branco*, 1986, em Durban, África do Sul (HISTÓRIA Sociedade & Cidadania, 2015, p. 187). Esta fotografia mostra indício ou uma prova da existência do *apartheid* na África do Sul, onde o homem negro ao embarcar em um ônibus destinado a brancos pode ver na fisionomia dos ocupantes do ônibus, o que eles aparentam estar sentindo. 3) *Mulher sul-africana saindo de um banheiro* (Vontade de Saber História, p. 171). Esta relata os meios que podemos fazer para combater atitudes discriminatórias e racistas que existem em nosso dia a dia. Essas imagens fazem parte do conteúdo dos livros didáticos da coleção passada e da atual, adotados na escola da implementação, que gerou muita discussão acerca dos assuntos representados, onde levou os alunos a perceberem o uso de fontes visuais e seus elementos como auxiliares na compreensão das representações que se construíram em torno do africano, buscando desconstruí-las, refletindo sobre o olhar do fotógrafo, bem como o contexto em que ela foi tirada. Este recurso didático contribuiu também para que a implementação tornasse mais motivante, bem como o ensino aprendizagem mais significativo e eficaz.

Outro ponto importante na implementação foi a exibição da música “*África une-te*”, em DVD 3D, do Bob Marley⁹, também apresentada no Livro didático: HISTÓRIA Sociedade & Cidadania, p. 188, no qual os alunos compreenderam por meio de leitura da letra da música que somos todos iguais, e se inspiraram para deixarem uma mensagem no blog da turma no encerramento do projeto de

⁸ Alguns dos links pesquisados - Disponível em: <https://africaportaldoProfessor.wordpress.com/http://culturaafricanaemquestao.blogspot.com.br/http://norteafricano.blogspot.com.br/2010/06/os-movimentos-de-independencia.html/http://vistaminhapele.blogspot.com.br/2013/07/a-lei-federal-10-63903-entrevistando.html/http://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm> . Acesso em: 23 de jul. 2016.

⁹ (DVD_3D) - Disponível em: <http://bob-marley.lyrics.com.br/letras/24591/traducao.htm> (letra) <https://tvuol.uol.com.br/video/15897084/> Acesso em: 16 de ago. 2016.

intervenção pedagógica na escola, com o tema “*África une-te*” levando em conta que a conscientização dos estudantes é fundamental, para que estes sejam reconhecidos e tratados com igualdade no ambiente escolar e em nossa sociedade “reconhecer, valorizar e superar a discriminação aqui existente, é ter uma atuação sobre um dos mecanismos estruturais da exclusão social, componente básico para caminhar na direção de uma sociedade mais democrática” (MUNANGA, 2005, p.177).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a independência dos estados africanos no século XX em um blog: tecnologias educacionais e ensino de História Africana mostrou-se produtivo e de essencial importância para o ensino e aprendizagem dos alunos e das alunas, sobretudo para a conscientização da valorização de si e do outro, bem como o respeito e a tolerância ao próximo, contrapondo quaisquer tipos de injustiça ou de discriminação racial, a fim de oportunizar-lhes a construção de uma visão crítica e transformadora na escola e na sociedade em que atua.

As tecnologias foram ferramentas aliadas no desenvolvimento do projeto de intervenção pedagógica na escola no processo de conhecimento tornando-o mais claro e próximo de nossa realidade atual, visto que os avanços tecnológicos se constituem como parte central da história da humanidade. Então, foi feito o uso destes meios para que o entendimento desse assunto tornasse o ensino mais motivante e, conseqüentemente, mais significativo e eficaz.

No entanto, este trabalho despertou na turma olhares inovadores no “ensinar e aprender” sobre História Africana, particularmente, a independência dos estados africanos no século XX, desmitificando e desnaturalizando velhas doutrinas de superioridade branca.

A História Africana, a independência dos estados africanos no século XX, com o uso de tecnologias educacionais, são poucos explorados na escola, talvez seja, por falta de entendimento de alguns professores acerca desse assunto e também pelo motivo da existência de barreiras para o uso do laboratório de informática nas escolas, devido a falta de internet, de manutenção dos computadores e da presença de laboratorista para auxiliá-los no desenvolvimento

dos trabalhos, pois as turmas em sua maioria são numerosas. Espero que este artigo científico possa contribuir para a continuidade de novas pesquisas que tenham esse tema tão pertinente, pois ainda são poucos os autores que se dedicam a essa questão e que o professor possa repensar sua prática pedagógica, modificá-la ou readequá-la, a realidade atual dos seus alunos e alunas.

4. REFERÊNCIAS

AQUINO, Mauricio. As fontes históricas no ensinar, produzir e aprender história: apontamentos e reflexões. **Revista Eletrônica História e-História**. Brasil, 2014. Disponível em:

<http://www.academia.edu/7951310/As_fontes_hist%C3%B3ricas_no_ensinar_produzir_e_aprender_hist%C3%B3ria_apontamentos_e_reflex%C3%B5es>. Acesso em: 15 abr. 2016.

AZEVEDO, Gislaiane; SERIACOPI, Reinaldo. **Projeto: Teláris: ensino fundamental**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2016.

BITTENCOURT, Marcelo. **Angola: tradição, modernidade e cultura política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOULOS, Alfredo Júnior. **HISTÓRIA Sociedade & Cidadania, 9º ano**. 3. ed. São Paulo: FTD, 2015.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2016.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. Disponível em: <<https://Portal.mec.gov.br/docman/abril.../15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Secretaria de

Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento** – fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1997.

GOMES, Maria João. **Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica**. 2008. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2016.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAZRUI, Ali A., WONDIJI, Christophe. **História geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2010.

MORAN, José Manuel. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. **Revista Contrapontos**, Itajaí, SC., v. 4, n. 2, p. 347-356, mar. 2009. ISSN 1984-7114. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/785>>. Acesso em; 18 de mai. 2016.

_____. **A Educação Ambiental na Internet**. São Paulo: Peirópolis – ECOAR, 2001, páginas 99-138. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/ambiental.pdf>. Acesso em; 18 de mai. 2016.

_____. Educação e Tecnologias: Mudar para valer. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/educatec.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2016.

_____. Integrar as tecnologias de forma inovadora. In: **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21.ed. Papirus, 2013. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_inovadora/utilizar.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em:

<http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando_%20racismo_esc_ola_miolo.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2016.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. O Corpo Negro: Sentidos e Significados. **Nguzu**, Londrina – PR, Ano 1, n. 1, março/julho de 2011. Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos (NEAA) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

PARANÁ. **Deliberação 04/06 da lei 10.639/03**. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/deliberacoes/deliberacao042006.PDF>>. Acesso em: 18 mai. 2016.

_____. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de História**. Paraná: Secretaria da Educação, 2008.

PELLEGRINI, Marco César, DIAS Adriana Machado, GRINBERG, Keila. **Vontade de saber história, 9º ano**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2012.

RAMOS, Edla Maria Faust.; ARRIADA, Monica Carapeços; FIORENTINI, Leda Maria Rangel. **Introdução à Educação Digital**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.

SCHAFF, Adam. **A sociedade de informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Brasiliense, 1995.

SILVA, Genilder Gonçalves da / PEREIRA, Izabel Alves C.. A descolonização da África nos livros didáticos: colônias portuguesas. **Revista de Estudos do Norte Goiano**, v. 1, n. 1, ano 2008, p. 176-204.